



## **Entre o teatro e a História: a peça *Secretário d'El Rei* de Oliveira Lima**

### ***Between Theater and History: The Play Secretário d'El Rei* by Oliveira Lima**

Ricardo Souza de Carvalho

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo / Brasil

risocarvalho@hotmail.com

**Resumo:** O artigo discute as relações entre teatro e História a partir do estudo da peça *Secretário d'El Rei* (1904) de Oliveira Lima. Embora seja a única produção do autor no gênero e jamais tenha sido encenada, a peça mostra-se como um caso relevante sob esse aspecto, ao se articular tanto com a experiência de Oliveira Lima com o teatro português do final do século XIX, quanto com o seu trabalho de historiador. Além disso, buscando aliar vivacidade à fidelidade com o espírito de uma época, Oliveira Lima concentrou-se na exploração dos caracteres históricos, ao dramatizar a relação entre Alexandre de Gusmão e D. João V, motivada por uma situação ficcional.

**Palavras-chave:** Oliveira Lima; *O Secretário d'El Rei*; História; teatro português; teatro brasileiro.

**Abstract:** We discuss the relations between theater and History from the study of the play *Secretário d'El Rey* (1904), by Oliveira Lima. Although it is the only Lima's production in the genre and has never been staged, the play is a relevant case in this regard since it articulates both the experience of Oliveira Lima with the late nineteenth century Portuguese theater and with his work as a historian. In addition, seeking to combine vivacity with fidelity and with the spirit of an era, Oliveira Lima concentrated on the exploration of historical characters, by dramatizing the relationship between Alexandre de Gusmão and D. João V, motivated by a fictional context.

**Keywords:** Oliveira Lima; *O Secretário d'El Rei*; History; Portuguese theatre; Brazilian theatre.

## O autor de uma só peça, jamais encenada

A peça de teatro *Secretário d'El Rei* foi o único trabalho ficcional publicado pelo historiador e diplomata Oliveira Lima (1867-1928). A excepcionalidade era atenuada por se tratar de uma “peça histórica nacional”, classificação estampada na edição da Garnier de 1904, a única até o presente momento.<sup>1</sup> No ano anterior, Salvador de Mendonça, em seu discurso de recepção a Oliveira Lima, que assumia sua vaga na Academia Brasileira de Letras, creditava ao historiador uma possível consagração como dramaturgo: “No *Secretário d'El Rei*, que reputo sua obra mais literária na forma, se o comediógrafo vier à luz na rampa, o historiógrafo será quem recolha os aplausos por haver traçado com mão firme o perfil de Alexandre de Gusmão”.<sup>2</sup> No exemplar da peça oferecido à esposa, Flora Cavalcanti, Oliveira Lima colou nas folhas de rosto recortes de algumas críticas elogiosas saídas em jornais,<sup>3</sup> que seguiam a percepção de Mendonça de que o historiador se saíra muito bem na reconstituição de personagens e de situações do passado. Entre todos, provavelmente a resenha de Machado de Assis tenha tocado mais Oliveira Lima, ao aclamar: “tereis um volume de ler, reler e guardar”,<sup>4</sup> impressão sobre uma peça mais para ser lida do que encenada, ratificada no final ao vincular as qualidades dela ao ramo da “literatura histórica e política” que vinha legitimando o autor:

[...] Sabemos que os estudos históricos e de observação social e política são prediletos do nosso ilustre patricio. O talento brilhante e sólido, a instrução paciente e funda, o amor da verdade, tudo isto que o Sr. Oliveira Lima tem dado em muitas outras páginas, acha aqui, ainda uma vez, aquele laço de espírito nacional que lhe assegura lugar eminente na literatura histórica e política da nossa terra.<sup>5</sup>

<sup>1</sup> O terceiro ato foi reproduzido na *Obra seleta* (1971) organizada por Barbosa Lima Sobrinho.

<sup>2</sup> DISCURSOS acadêmicos, p. 135.

<sup>3</sup> O exemplar consta do acervo da Oliveira Lima Library (Catholic University of America, Washington D.C.).

<sup>4</sup> ASSIS. *Crítica literária*, p. 303.

<sup>5</sup> ASSIS. *Crítica literária*, p. 305-306.

Em recorte da coluna “Theatro”, o juízo autorizado de Arthur Azevedo apontava os palcos, ainda que se ressentisse da extensão do discurso próprio de um historiador:

Oliveira Lima tem o que Sarcey chamava *le sens du théâtre*, primeira condição exigida num autor dramático. O seu *Secretário d’El rei* [sic] fará magnífico efeito em cena, principalmente se forem um pouquinho encurtados certos diálogos e monólogos.

Quando nos será dado o prazer de ver esta comédia tão portuguesa, e ao mesmo tempo tão brasileira, representada no cada vez mais hipotético Teatro Municipal?<sup>6</sup>

A encenação do *Secretário d’El Rei* não ocorreu no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, inaugurado em 1909, e em nenhum outro, quem sabe pelos diálogos e monólogos extensos ou por ser “tão portuguesa”, uma ação que se passava toda em Lisboa. O único registro de uma tentativa, nesse sentido, é a de um recibo de entrega da peça para ser representada no Teatro D. Maria II, em Lisboa, encaminhada por Oliveira Lima e pelo escritor português Carlos Malheiro<sup>7</sup>, indício de que poderia ser mais condizente em palcos lusitanos. O fato é que a peça acabou sendo considerada um apêndice curioso na vasta obra de Oliveira Lima, requisitada para ilustrar seu trabalho com a história luso-brasileira, esclarecida por ele na “Advertência” da edição de 1904:

Em primeiro lugar o nosso período histórico anterior à Independência envolve forçosamente uma tão íntima ligação da colônia com a metrópole, que é quase impossível, ao tratar de uma, perder a outra de vista. As comunicações materiais e sobretudo as relações morais estabeleciam como que uma continuidade territorial entre os dois lados do Atlântico, que formavam uma só pátria. [...]. Por fim lembrará o autor que o espírito de sua peça é inteiramente *brasileiro*, visando a simbolizar – qualquer pretensão mais direta seria anacrônica – a diferenciação que se ia assinalando entre o Reino e a sua Colônia americana, destinada a continuar-lhe e propagar-lhe a

---

<sup>6</sup> AZEVEDO. *O teatro*, p. 69.

<sup>7</sup> Documento conservado na Oliveira Lima Library (Catholic University of America, Washington D.C.).

tradição histórica no Novo Mundo, e cuja importância econômica ia-se tornando cada dia mais manifesta.<sup>8</sup>

Embora tal relação seja inevitável, não se problematiza, nas poucas abordagens do *Secretário d'El Rei*, a intensa predileção de Oliveira Lima pelo teatro, que lhe parecia ser “a forma mais acabada pela qual se pode conhecer o estado de alma de um país”.<sup>9</sup> Por isso, acreditamos ser pertinente o diagnóstico de Arthur Azevedo – citando Francisque Sarcey, um dos célebres críticos teatrais da França do século XIX – de que Oliveira Lima teria o “senso do teatro”, o qual pôde ser aprimorado por meio da estreita aproximação entre historiadores e dramaturgos desde o Romantismo, compartilhando fontes, procedimentos e papéis. De um lado, um historiador, Augustin Thierry, encarava o episódio da conquista da Inglaterra pelos normandos como “um grande drama que teve como teatro a ilha da Bretanha”; por outro, Schlegel, em 1808, “convidava os dramaturgos a utilizar a história de seu país como matéria-prima (praticamente inesgotável) de sua inspiração”.<sup>10</sup> Como em outros gêneros literários, a apropriação da História pelo teatro implicava em uma tensão entre princípios diversos de representação, de acordo com Jean-Jacques Roubinne: “[...] um realismo mimético que mostraria os acontecimentos como efetivamente se passaram e uma liberdade poética recentemente conquistada sobre o dogmatismo neoclássico que legitima vários desvios em relação à verdade dos historiadores”.<sup>11</sup> Nesse sentido, a peça *Secretário d'El Rei* pode ser reavaliada, para além de sua singularidade, como uma realização sugestiva em torno das relações entre História e teatro na virada dos séculos XIX-XX.

## A História no teatro luso-brasileiro

Vivendo em Lisboa de 1873 a 1892, Oliveira Lima tomou gosto pelo teatro: “As minhas maiores distrações em Lisboa, quando rapaz, eram os leilões de livros e o teatro”.<sup>12</sup> Nesse período, testemunhou uma

---

<sup>8</sup> LIMA. *Secretário d'El Rei*, p. V-VI.

<sup>9</sup> LIMA. Os teatros de Paris, p. 1.

<sup>10</sup> ROUBINE. *Introdução às grandes teorias do teatro*. Posição 1322 e 1323, 1413 e 1417.

<sup>11</sup> ROUBINE. *Introdução às grandes teorias do teatro*, Posição 1512.

<sup>12</sup> LIMA. *Memórias*, p. 34.

revitalização do teatro português, a qual, além de um grupo de atores, envolvia dramaturgos, resgatados muito tempo depois em suas *Memórias*:

[...] O grupo de atores do teatro normal estimulou a produção nacional, que arrefecera desde os tempos românticos pela generalização das versões de peças francesas e cujo último lampejo foi a *Morgadinha de Valflor*, que tão apropriadamente figura no monumento a Pinheiro Chagas e que eu vi encarnada na atriz Falco. Surgiu então uma plêiade de escritores dramáticos – Henrique Lopes de Mendonça, D. João da Câmara, Marcelino de Mesquita, Eduardo Schwalbach, Gervasio Lobato, outros mais – cuja florescência acompanhei. Das peças históricas no gênero do *Duque de Viseu*, *Afonso VI* e *Leonor Teles*, passaram os três primeiros às realidades da vida contemporânea, de que constitui uma expressão acabada a deliciosa comédia de D. João da Câmara – *Os Velhos*. Dos três, Marcelino de Mesquita, que era médico, sempre teve a faculdade dramática mais intensa – assistiu à estreia da *Pérola* – mas D. João da Câmara a fibra mais poética.<sup>13</sup>

Tais dramaturgos participavam de uma “revivescência do historicismo de recorte romântico”, que se espraiava por diversos gêneros literários nas últimas décadas do século XIX em Portugal,<sup>14</sup> atraindo um Oliveira Lima desde cedo envolvido com a história. Em 1886, aos 18 anos, ele compartilhou com os leitores do *Jornal do Recife* o entusiasmo que lhe causou a encenação do drama histórico em verso, *O Duque de Viseu*, de Henrique Lopes de Mendonça, que “deu um forte impulso ao teatro português” após um “longo marasmo”.<sup>15</sup> *O Duque de Viseu*, entre outros dramas históricos e comédias vistos por Oliveira Lima nos palcos portugueses, sem contar o teatro francês, estiveram entre os principais estímulos para a criação do *Secretário d’El Rei*.

Por outro lado, a dramaturgia brasileira não era pródiga na seara histórica, como muito bem conhecia o Oliveira Lima historiador literário, que no momento em que escrevia a sua peça lançara o volume *Aspectos*

<sup>13</sup> LIMA. *Memórias*, p. 46.

<sup>14</sup> SARAIVA; LOPES. *História da Literatura Portuguesa*, p. 957.

<sup>15</sup> Lisboa, 12 de abril de 1886. Correspondência do *Jornal do Recife*.

da literatura colonial brasileira (1896) e preparava uma *História do Romantismo*, projeto não concluído. Apesar disso, sendo um autor brasileiro de uma “peça histórica nacional”, preferia explicitar os vínculos com o teatro brasileiro em lugar do lusitano. Na “Advertência”, na edição da Garnier, ao justificar uma ação que se passava em Lisboa, recorreu a *O Poeta e a Inquisição* (1838), de Gonçalves de Magalhães, “a nossa primeira tragédia nacional”.<sup>16</sup> Tanto o protagonista de Magalhães, o dramaturgo Antônio José da Silva, quanto o de Oliveira Lima, o secretário Alexandre de Gusmão, embora nascidos no Brasil, viveram a maior parte de suas vidas em Portugal. Inclusive, Antônio José foi homenageado na peça de Oliveira Lima, na cena 15 do 1º ato, quando Gusmão aconselha seu escudeiro João Braz a assistir uma certa “ópera joco-séria” naquele 1738: “[...] já viste no Bairro Alto a peça nova – As guerras do Alecrim e da Mangerona? Toma um cruzado e entra no espetáculo, mas não te emborraches. Ri porém... o rir consola a alma”.<sup>17</sup> Além da autoridade do exemplo de Magalhães, é possível que Oliveira Lima considerasse o *Secretário d’El Rei* um novo alento para uma vertente do teatro brasileiro descuidada, mas já presente nos seus começos.

Ainda em relação à presença da história na dramaturgia nacional, Oliveira Lima, ao discursar sobre o historiador Francisco Adolfo de Varnhagen, lembrou-se da única peça que o patrono de sua cadeira na ABL escrevera:

O traço dominante da individualidade de Varnhagen é a paixão histórica, à qual subordinou todas as suas manifestações de escritor. [...] Se compunha um drama como o *Amador Bueno*, Varnhagen escolhia um ponto controverso da história pátria, aproveitando em sua plenitude a legenda que a sua crítica não podia acolher sem ressalva.<sup>18</sup>

O “ponto controverso” da peça *Amador Bueno*, publicada em 1847, seria a recusa do protagonista a ser aclamado rei por um grupo de insurretos espanhóis da vila de São Paulo, quando da Restauração de Portugal em 1641. Antonio Arnoni Prado, assinalando uma série de

<sup>16</sup> LIMA. *Secretário d’El Rei*, p. V-VI.

<sup>17</sup> LIMA. *Secretário d’El Rei*, p. 44.

<sup>18</sup> DISCURSOS acadêmicos, p. 100-101.

confluências entre Varnhagen e Oliveira Lima, defende que “tudo faz crer que na origem” do *Secretário d’El-Rei* estaria o *Amador Bueno* de Varnhagen, que “exaltou em sua peça um outro exemplo de fidelidade à Coroa portuguesa”,<sup>19</sup> que no caso de Alexandre de Gusmão voltava-se ao rei Dom João V, como ele se manifesta na cena 13 do 1º Ato: “[...] É meu dever de amigo fazer tudo ao meu alcance para valer D. Fernando, porém é meu dever de súdito leal e fervoroso assegurar o bem de S. M.”.<sup>20</sup> Tal afirmação do crítico vale-se de uma abordagem que submete a peça somente às concepções historiográficas e ideológicas, ignorando, como propomos nesse artigo, a intensa experiência de Oliveira Lima como espectador e crítico do teatro português do final do século XIX, essa uma origem mais segura do *Secretário d’El-Rei*.

### A “liberdade de movimento” das personagens históricas

Lukács, a partir da constatação de que o romance histórico de Walter Scott “provocou uma nova elevação do grau de historicismo no drama”<sup>21</sup> no século XIX, reconhece uma estratégia para a incorporação da história que não comprometeria a criação literária:

Quanto mais profundo e historicamente autêntico for o conhecimento de um escritor sobre uma época, mais ele terá liberdade de movimento no conteúdo e menos se sentirá amarrado aos fatos históricos singulares. A genialidade extraordinária de Walter Scott consiste no fato de ele ter encontrado para o romance histórico uma temática que se impôs precisamente por meio dessa “liberdade de movimento no conteúdo” [...].<sup>22</sup>

A profundidade e a autenticidade do conhecimento de Oliveira Lima da época do reinado de D. João V já estavam balizadas pelo trabalho do historiador, uma vez que tivera que atravessar o século XVIII português em suas primeiras obras. Em *Pernambuco, seu desenvolvimento histórico* (1895), traçou um breve diagnóstico que reverberaria em falas

---

<sup>19</sup> PRADO. *Dois letrados e o Brasil nação*: a obra crítica de Oliveira Lima e Sérgio Buarque de Holanda, p. 68.

<sup>20</sup> LIMA. *Secretário d’El Rei*, p. 40.

<sup>21</sup> LUKÁCS. *O romance histórico*, p. 195.

<sup>22</sup> LUKÁCS. *O romance histórico*, p. 207.

do *Secretário d'El Rei*: “[...] A metrópole, até, nadava em dinheiro, dando largas D. João V à sua faustosa beatice e à sua pródiga libertinagem no grotesco arremedo de Luiz XIV que lhe perseguia o espírito vaidoso”.<sup>23</sup> Quanto ao mencionado *Aspectos da literatura colonial brasileira*, que tem o capítulo IV dedicado ao século XVIII, não seria menos cáustico sobre os efeitos da riqueza das Minas Gerais sob o monarca português: “[...] Serviria esta para insuflar a natural vaidade de seu filho D. João V, alimentar-lhe a faustosa prodigalidade, servi-lo nos sonhos inquietos de magnificência acalentados na atmosfera erótica de conventos”.<sup>24</sup>

A lição de Scott para uma reconstituição fiel e vívida de uma época nos palcos, que não podia ser explicitada ao modo de Lukács, mas fora percebida pelo jovem Oliveira Lima no *Duque de Viseu*, de Henrique Lopes de Mendonça, em 1886:

As descobertas dos portugueses desenvolveram-se largamente então e o tipo de Pero de Alemquer, que o Sr. L. de Mendonça habilmente apresenta no seu drama, é um reflexo fiel daquele espírito aventureiro de conquistas pelo Cristo e ... pelo ouro da Mina que caracterizava os corajosos marítimos. D. João II é um caráter difícil e que requer para ser tratado de grande perspicácia e profundo estudo: o Sr. L. de Mendonça tratou-o bem e faz reviver diante dos espectadores, não só esse espírito, genuinamente filho da época, como também uma extensa galeria de tipos e caracteres, que ele faz sobressair em esplêndidas situações dramáticas.<sup>25</sup>

Oliveira Lima também optou no *Secretário d'El Rei*, não pelos “fatos históricos singulares”, mas sim pelo “espírito de época”, disseminado pelas personagens, sobretudo as que figuram no título por meio de suas funções – Alexandre de Gusmão e D. João V. Barbosa Lima Sobrinho formulou com pertinência que um dos cerne da peça estaria na relação entre as duas figuras históricas:

<sup>23</sup> LIMA. *Pernambuco*, seu desenvolvimento histórico, p. 209.

<sup>24</sup> LIMA. *Aspectos da literatura colonial brasileira*, p. 170.

<sup>25</sup> LIMA. Correspondência.



[...] Duas ordens de ideias o atraem e lhe dão, por assim dizer, o arcabouço da peça: a importância crescente do Brasil em face de Portugal e as relações entre um ministro singularmente hábil e um Rei obstinado, cioso de sua própria autoridade. O que vale dizer que os assuntos literários, o amor entre o fidalgo e a sua amada, o conflito com um dos irmãos do Rei, o argumento do crime de lesa-majestade passam a um plano secundário. Oliveira Lima não esquece ou não abandona suas motivações habituais. O diálogo é ágil, atraente, as cenas bem imaginadas, mas o assunto central se vincula à vida ou à ação de personalidades, que já conhece de seus estudos históricos.<sup>26</sup>

Mais sugestivo do que propor um plano secundário frente a um principal seria considerar no *Secretário d'El Rei* uma hábil correlação entre um plano ficcional e outro histórico. O entrave para a união do par amoroso D. Fernando da Cunha e D. Luz de Menezes, além de recurso para atrair um interesse mais geral para a peça, justamente aciona o enfrentamento sinuoso entre dois caracteres, vinculado a um plano histórico em que se debateram o diplomata artilheiro e o monarca luxurioso e vaidoso. Voltando mais uma vez à crítica seminal ao *Duque de Viseu* de 1886, Oliveira Lima reconhecia que Henrique Lopes de Mendonça reunia “o estudo psicológico das personagens aos truques do teatro, o que não é muito vulgar”, uma vez que a qualidade essencial ao bom dramaturgo seria a de “exibir tipos e caracteres bem delineados”.<sup>27</sup> Não se deixando levar por rancores de um amor não correspondido por D. Luz, Gusmão dispôs-se a conseguir o indulto de D. Fernando que ferira em confronto o irmão do monarca, além de planejar um atentado e conjuração contra Sua Majestade. Por outro lado, percebia a ameaça da “pródiga libertinagem” de D. João V em relação a D. Luz. Um dos seus monólogos, na cena 16 do 1º ato, revela tanto a situação melindrosa em que se encontrava, quanto a veia irônica que não perdoava nem mesmo o Rei, possibilitando que o dramaturgo se movimentasse com liberdade, mas permanecesse fiel às personalidades históricas:

---

<sup>26</sup> LIMA SOBRINHO. Oliveira Lima: sua vida e sua obra, p. 84.

<sup>27</sup> LIMA. Correspondência.

[...] O monarca não pode ver beldade alguma sem logo derreter-se e eu li-lhe no olhar sensual que ficou impressionado com a formosura de D. Luz... [...] O fito d’El-Rei é manifesto, simples o processo. Uni-la com o fidalgo delinquente depois de perdoado – mal supõe qual o seu crime – recebê-los generosamente na corte, abeirar-se astuciosamente do casal e... Mas tal não há de acontecer! Aquela vos há de escapar, sr. D. João... Tenório. O Comendador ressuscitará outra vez para embargar semelhante vergonha... Como porém evocá-lo... Uma ideia... Seria excelente... É mister alcançar sem demora o indulto de D. Fernando... Terei bastante influência junto a El-Rei? Ele é tão inflexível nos seus planos amorosos como nos seus devaneios de luxo e nas suas crises de filáucia. Tocar-lhe a fibra da ternura ou da clemência não é nada fácil, quando está estimulada a sua luxúria ou a sua vaidade... porém tentaremos...[...]<sup>28</sup>

O confronto entre os dois ocorre no terceiro ato, que se passa na “sala de despacho d’El Rei no Paço da Ribeira”. Gusmão não apenas conseguiu o indulto de D. Fernando, mas, a fim de dar “prova do seu desagrado, não guardando na corte o fidalgo culposo”,<sup>29</sup> fez com que D. João V o nomeasse para capitão geral da capitania de Goiás, no Brasil. Em monólogo na cena VIII, El-Rei, ao cogitar acerca das verdadeiras intenções do seu secretário, acaba por nos confirmar a suspeita de que poderia assediar D. Luz:

[...] Quem sabe, ladino como é, se não percebeu que me não era indiferente a rapariga e quis de propósito afastá-la da corte, uma vez realizado o enlace... neste caso, fui codilhado, porque a rapariga é tentadora, e eu não deixava de alimentar minhas esperanças de deslumbrá-la...<sup>30</sup>

Esse ladino seria o reconhecimento mais justo para Alexandre de Gusmão, em consonância com a percepção que Oliveira Lima teria da personagem histórica. Nessa direção, Barbosa Lima Sobrinho observa que Gusmão “na defesa de suas opiniões ou de seus pareceres, sublimava-se

<sup>28</sup> LIMA. *Secretário d’El Rei*, p. 45-46.

<sup>29</sup> LIMA. *Secretário d’El Rei*, p. 130.

<sup>30</sup> LIMA. *Secretário d’El Rei*, p. 133.

em artifícios, que iam da escolha da oportunidade para pronunciar-se à seleção das palavras, que deveriam ser usadas”<sup>31</sup>

Na última cena, a XIII, Gusmão enaltece para o casal a futura morada deles que fora seu berço. O Brasil, mais de uma vez ao longo da peça, é aventado pelo secretário como uma nova sede do Império Português em decadência e sofrendo pressões de outros povos. Nesse desenlace feliz, o que era degredo transformava-se em uma espécie de terra da promessa:

[...] Vereis se vos engano, se existe nada mais belo do que aquela terra de encantos. Tudo ali é formoso, e é grande. As colinas são montanhas, as árvores gigantes, os rios mares, os campos solidões ou antes oásis sem fim. Dá gosto viver debaixo daquele céu azul, naquela atmosfera transparente, sobre aquele solo privilegiado... Carece-se todavia nas terras novas de muita coragem para arcar com as dificuldades, muita tenacidade para resistir aos contratempos.<sup>32</sup>

Enquanto essa solução da continuidade portuguesa em terras brasileiras deu-se no plano ficcional do *Secretário d’El Rei*, efetivou-se no plano histórico do *D. João VI no Brasil* (1908), o qual vinha sendo concebido quando da escrita da peça. Contudo, mais do que preparação para a sua obra historiográfica mais importante, o *Secretário d’El Rei* proporcionou que o entusiasta do teatro movimentasse livremente as personagens históricas, sem abdicar da perspicácia do historiador.

## Referências

ASSIS, Machado de. *Crítica literária*. São Paulo: Editora Mérito, 1962.

AZEVEDO, Arthur. *O teatro: crônicas de Arthur de Azevedo (1894-1908)*. Organizado por Larissa de Oliveira Neves e Orna Messer Lewin, Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

DISCURSOS acadêmicos. Tomo I (1897-1919). Rio de Janeiro: ABL, 2005.

---

<sup>31</sup> LIMA SOBRINHO. Oliveira Lima: sua vida e sua obra, p. 85.

<sup>32</sup> LIMA. *Secretário d’El Rei*, p. 150.

LIMA SOBRINHO, Barbosa. Oliveira Lima: sua vida e sua obra. In: *Obra seleta*. Barbosa Lima Sobrinho (org.). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1971. p. 17-131.

LIMA, Oliveira. *Aspectos da literatura colonial brasileira*. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1984.

LIMA, Oliveira. Correspondência. *Jornal do Recife*, Recife, ano 29, n. 87, 16 abr. 1886.

LIMA, Oliveira. *Memórias: essas minhas reminiscências...* Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1937.

LIMA, Oliveira. Os teatros de Paris. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, p. 1, 12 abr. 1905.

LIMA, Oliveira. *Pernambuco, seu desenvolvimento histórico*. 3. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Editora Massangana, 1997.

LIMA, Oliveira. *Secretário d'El Rei*. Rio de Janeiro: H. Garnier; Livreiro-Editor, 1904.

LUKÁCS, Gyorgy. *O romance histórico*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

PRADO, Antonio Arnoni. *Dois letrados e o Brasil nação: a obra crítica de Oliveira Lima e Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Editora 34, 2015.

ROUBINE, Jean-Jacques. *Introdução às grandes teorias do teatro*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. Arquivo Kindle.

SARAIVA, Antonio José; LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. 17. ed. Porto: Porto Editora, 1996.

Recebido em: 3 de outubro de 2018.

Aprovado em: 11 de março de 2019.